

Carta à Eloísa

Querida colega, resolvi te escrever porque desde o nosso encontro no ENDIPE 2010, passei a refletir intensamente sobre algumas questões. Talvez isso tenha a ver com o Doutorado, com a condição de eterno aprendiz, ou quem sabe com a idade.

Vários motivos me impulsionaram a cursar o Magistério. Tive a influência indireta de minha mãe – uma professora apaixonada pela educação – e também, as experiências educativas vividas nas escolas onde estudei: Escola Anexa ao Instituto de Educação General Flores da Cunha e Colégio de Aplicação da UFRGS, ambas as escolas, experimentais.

Ao final do curso de magistério, estagiei no Colégio de Aplicação da UFRGS: Projeto Alfa. Essa experiência foi muito significativa para minha vida profissional, pois se constituiu no meu primeiro contato com a pesquisa acadêmica, além de ser um período de muitas aprendizagens, momentos de estudos e reflexões acerca do planejamento e dos fatos ocorridos no estágio.

Com esta experiência tive consciência, pela primeira vez, da *relação teoria e prática*. Tal experiência ajudou-me a compreender o porquê de nunca ter tido dificuldades para estabelecer e viver tal relação.

No entanto, ao longo da minha trajetória como educadora, no contato com o cotidiano escolar, vivencio situações que revelam algumas das dificuldades dos professores ao estabelecerem a relação entre a teoria e a prática. É quando o velho chavão aparece: “Na prática é uma coisa, na teoria é outra!”

Essas experiências me levaram a pensar nas lacunas na formação do professor, e questionar sobre qual era o meu papel como formador de professores das séries iniciais e da educação infantil? De que maneira poderia contribuir como docente para a formação de um professor de qualidade? Por que os professores não traziam para sua prática os conteúdos trabalhados no curso formador de professores? Ou será que esses conteúdos não se mostravam significativos ao serem desenvolvidos no curso ou, ainda, foram precariamente trabalhados? Por que a dificuldade dos professores em pensarem e fazerem a prática de maneira diferente? E, por fim, até onde a formação inicial prepara para a docência?

Essas lembranças me conduziram a pensar seriamente sobre o papel do estágio supervisionado e das práticas de ensino na formação inicial do professor, inferindo que este, embora não seja o único responsável pela formação docente, merecia ser visto e tratado de outra maneira. Era preciso discutir e rever o espaço ocupado por ele nos cursos formadores de professores.

Deves lembrar que atuo no magistério há trinta e um anos diversificando minhas funções nestes anos entre ser professora das séries iniciais do ensino fundamental, docente nos cursos de formação de professores (Magistério, Pedagogia e Pós-Graduação) e orientadora pedagógica nas redes pública e privada de ensino.

Conversamos sobre a temática que estou desenvolvendo no Doutorado... Será uma pesquisa voltada para a valorização das práticas de ensino na formação inicial onde pretendo afirmar a relevância das práticas de ensino no curso de Pedagogia como importantes espaços de ensino, de aprendizagem e de articulação de saberes na formação do professor alfabetizador.

Afirmar ou resgatar a relevância do estágio supervisionado e das práticas de ensino nos cursos de Pedagogia como importantes espaços de ensino, aprendizagem e de articulação de saberes fazem parte de meus questionamentos recentes. E é com esse olhar que pretendo destacar a “figura” do orientador pedagógico e do supervisor do estágio curricular, como um dos grandes responsáveis pela articulação entre o que é ensinado nas aulas e o que é vivido na sala de aula pela aluna-estagiária.

O que pensa sobre tudo isso? Como supervisora de escola, acredito que tenha a mesma visão sobre o papel do orientador pedagógico e do supervisor do estágio junto aos estagiários e à Universidade. Gostaria muito de conversar e partilhar contigo sobre essas questões! aguardo ansiosa uma resposta tua.

Isabela Mascarenhas Sousa